

Tensão marcou comícios de fim de campanha em Minas

Cléber Praxedes e
Ricardo Miranda Filho

BELO HORIZONTE — Música, boatos e videoteipe. Este foi o enredo dos últimos e tensos comícios dos candidatos Fernando Collor de Melo, do PRN, e Luís Inácio Lula da Silva, da Frente Brasil Popular, na capital mineira, na reta final da disputa presidencial. Enquanto cantores sertanejos se revezavam nos palanques, seguranças petistas e *colloridos* cumpriam uma decisão tomada em reuniões reservadas das direções regionais dos dois partidos: improvisados de seguranças do adversário, tentavam evitar provocações e tumultos que prejudicassem seus candidatos nos últimos comícios antes da eleição.

Paralelamente, os partidos foram munidos como nunca de informações sobre o comício do adversário, como os petistas, que filmaram em videocassete e fotografaram todo o comício de Collor através de militantes estrategicamente espalhados no meio da multidão e no 8º andar do edifício da Mesbla, no escritório de um advogado, onde a poucos metros de distância Collor discursava.

Boatos — O comício de Collor, a última aparição do candidato do PRN nos palanques antes da votação, transformou a capital mineira em centro de boatos, que anunciavam o cancelamento da ida de Collor ao encontro e mesmo um atentado contra o candidato. No comitê da Frente Brasil Popular, horas antes do comício, telefonemas anônimos garantiam que militantes de Collor estariam vestidos de petistas para tumultuar a manifestação.

Fotos do comício de Collor, realizado na quarta-feira, pousavam a todo instante nas mesas dos dirigentes regionais do PT, preocupados com os boatos de que manifestantes contratados pelo PRN passariam por militantes petistas para tumultuar o encontro. A primeira foto foi tirada e revelada quatro horas antes da chegada de Collor no comício, enquanto um cinegrafista usava uma câmera de vídeo amadora e, posicionado na janela do 8º andar do Edifício Mesbla, fornecia detalhes dos incidentes ocorridos por toda a Praça da Rodoviária. Diálogos ocorridos dentro do comitê central do PRN logo chegavam aos ouvidos atentos dos dirigentes do PT local.

No comitê central do PRN em Belo Horizonte, o organizador do comício,

Márcio Figueiredo, irritava-se com os boatos de que Collor sofreria um atentado assim que chegasse ao palanque. "Tomara mesmo que apareçam para tumultuar nosso comício. Se eu pudesse até arrumava uns petistas emprestados para garantir que isso aconteça", disse, durante uma reunião com seguranças de Collor. A orientação do PRN aos seguranças mineiros era não provocar, mas fazer um relatório de qualquer eventual confusão provocada por manifestantes do PT para que isso fosse usado como prova da violência petista.

Planos — Um assessor do PRN local confirmou que camisetas do PT chegaram a ser compradas por seus militantes na sede da Frente Brasil Popular nos dias anteriores ao comício, mas que a ideia de passar por petistas foi afastada pela direção do partido. No comício de Lula, na terça-feira, os incidentes se limitaram a manifestantes alcoolizados, afastados do encontro pelos próprios seguranças da Frente Brasil Popular. Os quatro seguranças pessoais de Lula, liderados por um conhecido como *Freud*, garantiam que dispunham de fotos de "provocadores conhecidos". Mas se o comício de Lula transcorreu tranqüilamente, no de Collor houve trocas de empurrões, insultos e prisões.

Telefonemas e telex foram trocados insistentemente entre a direção do PT em São Paulo e a sua representação mineira, alertando os petistas para limitarem-se a panfletagens nos bairros de Belo Horizonte afastados do comício. "Não cheguem nem perto do comício de Collor", recomendaram.

Antecipando problemas, a direção regional do PT selecionou alguns militantes para percorrer o comício de Collor atrás de provocadores. Petistas, chegando sempre em grupos, misturaram-se entre os manifestantes. "Não saio", gritava o baiano Aderbal Cardoso Matos, com um broche do PT na camisa, enquanto discutia com um militante de Collor inconformado com a invasão de seu comício.

"Quero conscientizar esses filhotes da ditadura", dizia o estudante universitário Lindomar Maia Feitosa, também usando bottom do PT, diante de um grupo de *colloridos*. "Isso pode se transformar num ato insólito", antecipava o bancário Salvador Leonardo Borges, brizolista convertido ao PT, que preferiu deixar o comício.

Brigas A chuva que caiu durante toda a manifestação não acalmou os

militantes exaltados de ambos os lados. A proximidade dos manifestantes dos dois partidos levou a Polícia Militar a pedir reforço, engordando o destacamento para cerca de 300 homens, além de um grupo de policiais civis à paisana, identificados apenas por um blusão de couro preto, que realizavam prisões em qualquer critério.

O casal Cláudio Prisco Melgaço, 'endedor, e Regina dos Santos Ferreira estudante, foi preso por um deles por estar usando um broche do PT e gritando o nome de Lula. "Meu Deus, eu não posso dizer o nome do meu candidato", dizia Cláudio, que acabou sendo liberado. "Quero falar só com os petistas. Não fiquem, senão vamos tirar todos. Antes que vocês levem pancada de um *collorido*, saiam. Vocês estão pondo em risco a sua própria campanha. Isso vai dar pau", argumentava tenso o major Bicalho, comandante do policiamento, cercado por dezenas de manifestantes com broches do PT.

Prisões Sem ser obedecido, o major ordenou a prisão de qualquer pessoa com broche do PT. A cada prisão, os policiais eram recebidos com um coro de populares: "Lula, Lula". No palanque, os animadores gritavam palavras de ordem contra o comunismo, aumentando a tensão do ambiente. "Vocês são uns frouxos. Tem que pegar esses petistas e meter o pau", gritava nervoso para o major Bicalho um homem, que não quis se identificar, com camiseta de Collor. "O senhor está desequilibrado", reteceu o major.

"Você está preso por ter agitado o povo", repetiam os policiais após cada detenção. "Mas isso não é uma democracia?", respondiam sempre os detidos antes de serem jogados nos carros da polícia. Em nenhum momento os condutores do comício de Collor tentaram acalmar a multidão. Preferiam, entre uma balada de Vando e uma melodia da dupla sertaneja Milionário e José Rico, dizer frases como "Comunismo nunca mais".

"O que está acontecendo nesta praça é um abuso de poder. Não se pode mais gritar o nome de Lula", gritava o estudante de 2º grau Domingos de Oliveira Araújo, ao ser preso. Os dois comícios na capital mineira, apesar dos incidentes, foram avalizados pelas lideranças petistas e *colloridas* como relativamente tranqüilos diante das expectativas criadas. Marcados por músicas, cercados de boatos e gravados em videotape.

Evitar provocação, o grande objetivo

No 2º andar do velho sobrado, lembrando uma pensão de estudantes, localizado na Rua Olegário Maciel, 925, Centro de Belo Horizonte, os dirigentes do comitê da Frente Brasil Popular ainda estavam de *ressaca* na quarta-feira após o longo dia de trabalho na véspera, preparando o comício do seu candidato Luís Inácio Lula da Silva. Ainda assim, só tinham uma preocupação: não poderia haver baderna no último comício do candidato Fernando Collor de Mello na Praça da Rodoviária, porque isso só prejudicaria a campanha de Lula na reta final. A ordem era uma só para todos os militantes: "Que os companheiros transmitissem uns aos outros as instruções para evitar um quebra-quebra que só beneficiaria os adversários".

Já na manhã da quarta-feira, os militantes do PT, com o clima criado para o comício, se movimentavam de um lado para o outro pelas seis salas existentes no sobrado, preocupados com as andanças dos partidários de Lula naquele dia nas ruas de Belo Horizonte. Os dirigentes do comitê insistiam com seus correligionários que as provocações levariam ao desgaste o candidato da Frente Brasil Popular a poucas horas da disputa da Presidência da República.

Desarmamento — "Estamos nos esforçando para evitar o confronto. Estamos conscientizando os petistas de que com um quebra-quebra no comício do Collor quem sairá perdendo é o próprio Lula", afirmou um dos líderes do comitê.

O dia no casarão foi agitado. Enquanto em uma das salas a assessoria de imprensa recebia várias denúncias de irregularidades que vinham sendo praticadas por simpatizantes da candidatura Collor de Mello, como a distribuição gratuita na periferia de Belo Horizonte de vale-transporte - que deveria ser usado após as 15 horas e, na volta, após as 20 horas, para e da Praça da Rodoviária, local do comício -, um dos dirigentes do comitê, Marcus Flora, andando de um lado para o outro no sobrado, estava preocupado com os carros da campanha que circulavam na cidade.

Além dos carros, Marcos foi informado de que um grupo de pessoas empunhando bandeiras do PT estava se dirigindo ao local onde era realizado o comício do Collor. "São poucas pessoas, não precisa se preocupar", afirmou um militante do PT tentando acalmar o dirigente.

"Pô, mas eles estão com bandeiras", replicou Marcus, que, nesse momento, tinha também outra tarefa: o som de um dos carros que serve ao partido precisava de conserto. Ao mesmo tempo, uma militante do PT informava que algumas pessoas estranhas, de "físico avantajado", estiveram no comitê comprando broches e camisetas do PT — e não quiseram se identificar. Dirigentes da Frente Brasil Popular deslocaram, então, militantes para o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) com as denúncias que estavam sendo apresentadas

ao comitê, de possível infiltração de provocadores entre os petistas. Também foi nessa hora que Marcus Flora recebeu a primeira foto do comício de Collor que havia uma hora se desenrolava na Praça da Rodoviária. "Não tem ninguém. Deve ter umas 500 pessoas", comentou eufórico um militante do PT ao ver a foto.

Fotos — A preocupação maior era o comício de Collor. No entanto, a militante Solange se juntou ao grupo que avaliava a foto para pedir ao "companheiro" Duda uma mensagem a ser gravada para circular nos carros de som do partido pelas ruas da cidade. Os dirigentes estavam satisfeitos com o comício de Lula na terça-feira, a noite anterior, e com a perspectiva de fracasso naquela quarta-feira do comício de Collor. A única coisa em comum existente entre os dois comícios foi a chuva que não perdou nenhum dos dois candidatos.

No entanto, permanecia o temor do que se considerava ser a última cartada dos militantes do Collor: as possíveis provocações, a fim de criar um fato novo em sua campanha no último comício. Enquanto um partidário de Lula tentava *conversar* um pintor para baixar o preço da pintura de uma estrela branca na bandeira vermelha, outros militantes do PT foram deslocados para o comício com um único objetivo: tentar convencer os partidários de Lula a evitar provocações, o que conseguiram, em grande parte. (C.P. e R.M.F.)